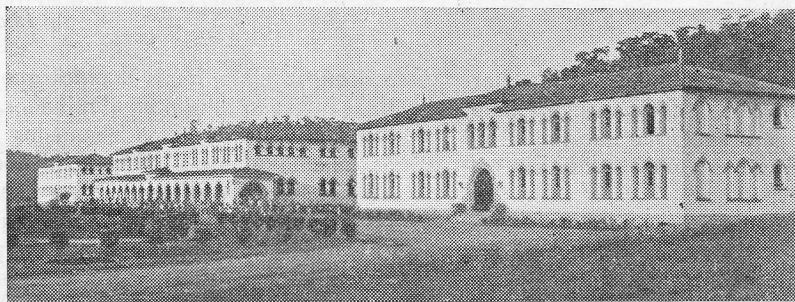


© CULTIVADOR

0008282

Diretor:

JOSÉ FARAH



Gerente: H. Rímolo

Secretário: J. R. Uchôa

Redator: M. Jacob

Órgão Informativo, Agrícola e Cultural [dos] Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do ESPÍRITO SANTO

ANO I

São João de Petrópolis, 1 de Abril de 1948

Nº. 3

LEGENDA ESPIRITUAL

JOSÉ FARAH

A Diretriz que traçamos, experimenta com o aparecimento dêste terceiro número, uma confirmação de sua lealdade.

Expressando nas suas páginas todo o ideal de nossa Escola, "O CULTIVADOR", abre hoje, ao completar um mês de existência, um parêntesis para dentro dêle, inscrever, a sua legenda espiritual que propositadamente deixou de o fazer quando foi lançado à publicidade.

É que, esperávamos antes, as manifestações expontâneas dos leitores para despertar depois, a eloquência do nosso primeiro silêncio.

E assim, desbravando o motivo de todo nosso esforço, falando da obra que a Escola vem realizando, positivamos uma grande realidade sôbre a qual o Brasil inteiro tributa o seu profundo reconhecimento.

Esta grande realidade que acabamos de referir é a COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO DAS POPULAÇÕES RURAIS (CBAR)

Em todos os recantos, bem dentro do interior brasileiro, em contato direto com as populações rurais, tem sempre um sópro um representante daquela organização, orientando e trabalhando, empinando e traçando diretrizes para dar aos dia de amanhã, homens preparados para a vida racional do campo.

São a êstes cultores das ciências agrí-

colas, indicados pelos Governos do Brasil e dos Estados Unidos, os motivos desta Legenda Espiritual.

Trazidos para o Espírito Santo e através um acôrdo com o Govêrno do Estado, assentaram as suas bases em nossa Escola, restabelecendo assim as deficiências administrativas, promovendo nos diversos setores, novos métodos de trabalho e de organização.

Destarte cumpre-nos pois, a par de tais e patrióticas iniciativas pela COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA em diversos Estados nacionais, ressaltar, dentre os seus competentes técnicos que deram sua direta e valiosa orientação à Escola, honrando-nos com suas visitas, os Drs. Shermom Oickinson, Louis Oder e W. C. Tucker — por parte do Govêrno Americano e os Drs. Luiz Guimarães, Nelson Dantas Maciel, Milton de Miranda Oliveira e Acyr Eyer — por parte do Govêrno brasileiro.

E, fazendo nossa, palavras do Sr. Diretor, Dr. Lúcio F. Ramos, diremos que é com imenso prazer "que se pode afirmar, com segurança que, unidos, o Govêrno do Estado e a Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais, estão realizando uma das obras mais notáveis de soerguimento econômico e intelectual da maior classe do Estado e do Brasil — que é a dos Lavradores.

Em Torno Das Doenças Das Aves.

(continuação)

Isidro Zárate

CÓLERA AVIÁRIA — Conhecida também por diarreia verde, é uma doença que causa, em pouco tempo, grande mortandade entre as aves, e que não tendo um tratamento específico, toda nossa atenção deve ser voltada para as medidas preventivas.

Quando o ataque é agudo, não se nota sinal de doença até 24 horas antes da morte, produzindo-se esta aos 2 ou 3 dias após a infecção, no máximo. As aves doentes se mostram deprimidas, com febre, e, quando assentadas, deixam cair a cabeça esticada ou voltada para trás, apoiando-se nas penas das asas. O apetite diminui, a sede aumenta e a respiração se torna difícil. Por último, o animal cai, apoiando o bico no chão.

No comêço da infecção, as feses se tornam amareladas, logo há uma diarreia amarela que se torna, por último, parda ou esverdeada.

O caso crônico da doença se apresenta sob a forma de fraqueza progressiva do animal, perda de pêso, coloração pálida da cabeça e, finalmente, uma diarreia esgotante.

O animal, no momento da morte, apresenta convulsões tomando a crista e barbela uma coloração roxa.

A medida que deve ser tomada, no caso de existir a doença nas proximidades, é a vacinação das aves com a vacina contra a cólera aviária, principalmente quando se trata de animais de valor.

Uma vez que se apresente casos dentro de uma criação, as aves atacadas e as feses devem ser queimadas, procedendo-se à separação imediata e vacinação das sãs, condenando o cercado em que apareceu

a doença. Os animais doentes que conseguiram resistir à infecção devem se eliminados, pois eles, em caso contrário, irão ser os chamados portadores, isto é, os espalhadores do gérmen da doença.

ESPIROQUETOSE — É uma doença de característicos semelhantes aos da cólera e que aparece nos galinheiros infestados de carrapatos, pois o gérmen causador desta infecção é transmitido pelo carrapatinho vermelho dos ninhos que passa o dia nas frestas e buracos de madeira e pela noite ataca as aves. O combate, então, está em perseguir os carrapatos e para isso, podemos, por exemplo, pincelar o madeiramento com quercene ou outro desinfetante.

TIFO AVIÁRIO — É outra doença de sintomas semelhantes aos da cólera, apresentando-se também o animal com diarreia amarelada ou esverdeada e, as vezes sanguinolenta. A diferença está em que, no caso do tifo, a diarreia nos últimos dias é abundante e fétida; o contágio é vagaroso e a morte é espaçada.

Não existe para o tifo um tratamento eficiente e a medida preventiva consiste, no caso de perigo, na vacinação, com a vacina contra o tifo que tem uma ação preservativa de um ano.

CORIZA — Esta é uma doença que aparece, geralmente, como consequência da má localização do aviário, como acontece nos galinheiros pouco insulados, úmidos e batidos pelas correntes de ar.

Caracteriza-se a doença por corrimentos nas narinas e olhos. Logo há inchação da cabeça, principalmente na região do olho. Um tratamento prático aconselhado pelo Dr. J. Reis, no comêço da doença, é pingar no nariz e olho umas gotas de solução de argirola 10%, duas a três vezes ao dia, aplicando também, no músculo do peito, uma injeção de urotropina a 40%, 2 cc. nos adultos. Repete-se o tratamento até conseguir a melhora completa do animal.

DIARRÉIA BRANCA — É a chamada pulorose e que causa grande mortandade entre os pintos, nas duas primeiras semanas de vida, nos rebanhos afetados. Caracteriza-se por uma diarreia branca ou então creme que aparece nos pintos, sendo a intensidade do ataque maior até uns 15 dias de idade e diminuindo a partir da terceira semana. Neste fato, precisamente, a pulorose se diferencia da coccidiose, pois o ataque desta última se intensifica a partir da terceira semana.

Tratamento eficiente não existe para a pulorose, e é aconselhada, como medida preventiva, a eliminação dos indivíduos que conseguiram resistir à doença, isto é, os portadores. Toda nossa ação deve ser no sentido de evitar a doença, e, para isso, as criações mais organizadas inspecionam freqüentemente o seu plantel de reprodução e todo animal novo introduzido no rebanho, realizando o exame de pulorose por meio do antígeno respectivo ou pela pulorina. Pois sabe-se que o micróbio causador da diarreia branca localiza-

EXPEDIENTE

“O CULTIVADOR” é um órgão de divulgação quinzenal de ensinamentos e notícias sôbre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender as classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica, “Espírito Santo”.

São seus colaboradores os professores e funcionários dessa Escola.

“O CULTIVADOR” aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

CORRESPONDÊNCIA

Redação do “O CULTIVADOR”
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo.

(Continua na página 4)

MELHOR CAFE' Do Que Todos Gostam

Eloysa Sessa Campinhos

E os trabalho marcham para a solução que todos anseiam: a de conseguir um tipo superior para o nosso café.

Devemos agora não desanimar. A produção de café do Município deve fazer jús sua real classificação. A questão reside apenas na união dos comerciantes, procurando-se conduzir com bom senso e honestidade. Essa estamos certos, jamais faltará.

O Município de Santa Teresa deve retornar o seu antigo lugar entre os produtores de café do tipo 7 ou

Por isso, "O CULTIVADOR" lembra da necessidade de reuniões entre os comerciantes. A Escola, como a pioneira de tôdas as sãs e patrióticas iniciativas, abre as suas portas todos os terceiros domingos de cada mês.

Compareçam senhores interessados e assentemos as normas que possam objetivar o problema.

"Da união nasce a fôrça", diz um velho ditado, logo uní-vos comerciantes e, deem u mmelhor café ao Estado do Espírito Santo!

Para uma confirmação de que — os trabalhos marcham, transcrevemos uma Circular dirigida aos Srs. Prefeitos Municipais pela Presidência da CESMAG.

Ilmo. Sr.

Prefeito Municipal

Dirigimo-nos a V. S. para tratar de um assunto considerado da mais transcendental importância para a situação financeira do Espírito Santo: a economia cafeeira.

Assim, com o intuito de incentivarmos a melhoria do produto em nosso Estado, o que só era conseguido com os esforços dispendidos pelos municípios, ressaltamos a vantagem pecuniária que advirá para os produtores residentes no município que V. S. dirige.

Prova do que afirmamos é o fato dos lavradores instalados em São Paulo, norte do Paraná e sul de Minas abjudicarem a quantia de Cr\$ 12,00 por quilo de café produzido, enquanto a lavrador espiritosantense obtém a insignificância de Cr\$ 3,50 pela mesma quantidade.

Porque? Tão sòmente pela qualidade do café produzido naquelas zonas, sob melhores condições de colheita, seca e preparo em máquinas adequadas.

Com a diferença acima, torna-se compensado o sacrifício que essa melhoria de tipo impõe.

Estamos dispostos, o que faremos dentro de poucos dias, a iniciar uma campanha de âmbito estadual, por meio de orientações diretas ao produtor, publicidade intensiva em todos os órgãos de imprensa espiritosantense.

Esse nosso esforço em benefício do Estado, em prol do próprio produtor, se tornará inexpressivo caso não contemos com sua colaboração nesse município.

Eis, porque, nos dirigimos a V. S. certos de dispormos de sua indispensável ação, pelo que aguardamos um pronunciamento urgente, e, si possível, sugestões a respeito.

Vitória 16 de março de 1943.

É uma contribuição feminina, que modestamente apresentarei a partir dêste número, a tôda dona de casa, principalmente à mulher do nosso *interland*.

NHOQUE

10 colheres de massa de batatas

3 colheres de farinha de trigo

1 colher de manteiga

3 ovos e sal

Mistura-se tudo até ficar bem ligado, passa-se farinha na táboa de massa, faz-se um rôlo da espessura de um dedo e corta-se em pequenos pedaços.

Cozinha-se nágua e sal (subindo à tina estão cozidos), tira-se com a espumadeira e deixa-se escorrer bem.

Arruma-se num prato do seguinte modo:

Uma camada de massa polvilhada com queijo parmeson ralado e sôbre esta um bom môlho de carne, depois mais uma camada de massa, queijo, etc.

DOCE DE ABÓBORA

Pese 1 quilo de abóbora bem madura e descascada e leve a cozinhar; escorra a água, passe pela peneira, junta 1 quilo de açúcar, 1 côco ralado e leve ao fogo, sempre mexendo, até a massa soltar do fundo da panela. Faça pequenas "cocadas", polvilhe com açúcar e deixe-a secar no sol ou na estufa.

Laranja Na Alimentação

Ernani Campinhos

As frutas cítricas, como laranjas, limões, lima e graap-fruit, constituem ótimo auxiliar da alimentação, bem como são largamente usadas no combate de certas enfermidades.

A laranja contém todos os elementos necessários à nutrição:

No açúcar natural encontramos os hidratos de carbono. Os sais minerais, como fósforo, potássio, magnésia, ferro, etc. também são encontrados em boas quantidades. As gorduras e proteínas, também são encontradas, porém em pequenas parcelas.

As laranjas contém as vitaminas A, B e C, esta última em maior escala que é benéfica para o sangue.

O óleo da casca da laranja deve ser evitado na alimentação pois é corrosivo, prejudica os dentes e perturba a digestão.

A laranja deve ser usada na alimentação, bem madura e fresca, afim de não alterar as suas propriedades alimentares.

No combate a gripe, é muito empregado o limão, em formas de chá ou juntamente com o mel de abelha ligeiramente aquecido.

— O DESENGACE DAS UVAS —

Suas vantagens e inconvenientes

Max. De Cordes Cabêdo

Operação que consiste na separação do engaço do môsto, isto é, feito por máquinas a que damos o nome de desengaçadeira, as quais podem ser de diversos tipos, manuais e mecânicas; máquinas estas que realizam trabalho perfeito que permite que o engaço expulsado pela sua ação leve pequena porcentagem de líquido, não merecendo êste, o trabalho da prensagem.

Para os pequenos vinicultores esta máquina é fácil de obter economicamente, pois êles mesmos a podem construir, como fazem com outras máquinas. — Embora rústicamente pode o lavrador construir a sua máquina desengaçadeira; para tal basta reunir quatro tábuas de 20 cm de largura e com elas formar um quadro (retângulo) com 1,50 x 0,50 m, uma vez êste quadro (retângulo) feito, o lavrador cortará ripas de 1 cm equidistantes de meio em uma das outras, obtendo assim um ripado formando o fundo do quadro já indicado. Uma vêz isto feito, coloca-se sobre o recipiente indicado para receber o môsto, tina, cêlha, barril ou tanque; procedendo-se ao desengace por meio de um gancho de madeira ou com as mãos, esfregando os cachos contra o ripado de modo a fazer soltar os bagos que passaram através as ripas, ficando em cima o engaço (ou pé).

Obteve-se assim uma desengaçadeira rústica, mas eficiente e econômica.

Quanto às vantagens do desengace, elas são por todos reconhecidas quando se verificarem os seguintes casos:

- 1) — Quando se vendime as uvas sobre o verde.
- 2) — Quando se trate de engaços carnudos e ácidos como no caso da uva Isabel Niágara e outras.
- 3) — Quando se trate de uvas doentes, não maduras, na elaboração das labruscas e por último na preparação de vinhos finos.

Não se torna necessário desengace nos seguintes casos:

- 1) — Quando se trata de uva com grande porcentagem de açúcar e demasiado maduras.
- 2) — Quando isto se verifique em climas quentes como a Argélia.
- 3) — Quando se trate de vinhos comuns.
- 4) — Quando se extraia o môsto pela prensagem, afim de que a fermentação se proceda fora do contato da massa (ou pé). Vinhos de bica aberta.
- 5) — Quando a fermentação tumultuosa fôr de curta duração.

Cabe ao vinicultor tomar nota dos casos em que deve proceder ao desengace ou não; pois só assim evitará elaborar um máu produto em que êle por vezes é

Administradores e práticos rurais da Escola

Para conhecimento dos interessados transcrevo o seguinte radiograma, dirigido ao Exmo. Sr. Secretário da Agricultura, pelo Dr. Osmar Lopes de Rezende:

“Solicito gentileza prezado amigo conseguir máxima presteza 30 práticos rurais formados Escola Prática Agricultura São João Petrópolis vencimentos Cr\$ 1 200,00 para trabalhos fomento de agricultura da Prefeitura. Aguardo qualquer informação rua México 21 13º andar Departamento Agricultura. Abs. (a). Osmar”.

Em tórno das doenças das aves

(Continuação da página 2)

se no ovário da poedeira e, em conseqüência, os ovos já vão contaminados, de modo que os pintos, logo após a eclosão já são atacados. Não só isso, senão que um pinto atacado pode contaminar, por contato direto todos os outros, nas primeiras 48 horas de vida.

Ao finalizar, assim, êste resumo, que nada tem de original, espero ter conseguido o meu propósito de, apenas, divulgar os conhecimentos que existem sobre a matéria em questão, pondo-os ao alcance do maior número possível de criadores de aves, afim de auxiliá-los, na medida do possível, nas suas dificuldades. Todavia, uma vez mais devo chamar a atenção dos avicultores sobre a maior importância a ser dada às medidas preventivas, devendo-se fazer uso das medidas curativas somente nos casos extremos; para isso, não se deve perder de vista os conselhos dados no começo dêste trabalho.

levado à prática anti-econômica de adicionar quantidades tais de açúcar, até que o sabôr acre e ácido do môsto tenha desaparecido; (caso observado por mim em Várzea Alegre).

Assim, resumindo ficamos sabendo que o desengace dá origem a vinhos menos adstringentes, menos ácidos, menos taninosos, mais aveludados, suaves, e de côr menos carregada. Os não desengaçados são mais ricos em acidez, esta aumenta ou diminui conforme a natureza do engaço, mais ricos em cremor tártaro, mais tânicos, mais ricos em matérias minerais, a sua fermentação devido a uma maior exposição em contato com o ar é mais intensa, são ainda mais ricos em côr e sabor aromático.

Pneumonia dos bezerros

A. A. Torres (*)

(DIVULGAÇÃO)

É uma doença que aparece com certa frequência em nossas criações de bezerros que acarreta grande mortandade. Necessita certa assistência e tratamento em tempo.

Pode aparecer juntamente com o Curso Braço, causando o que chamam de Pneumo-enterite dos bezerros.

Fatores predisponentes — Como fatores predisponentes ao aparecimento da doença, temos:

- a) umidade
- b) frio
- c) ventos canalizados
- d) deficiência alimentar
- e) falta de higiene nos abrigos e piquetes.

Agente causador — A doença é provocada por um vírus filtrável, havendo associação com germens que vivem habitualmente no organismo animal, acelerando assim o desenvolvimento da infecção. Esses germens são:

- a) Pasteurela
- b) Bacillus pyogenes
- c) Hemophilus
- d) Corynebacterium

Uma vez aparecendo casos da doença na fazenda sua propagação é rápida, mormente quando as condições de higiene são precárias ou quando os bezerros forem colocados em abrigo acanhados, como é frequente em nossas fazendas.

O vírus, juntamente com os germens de associação, adquirem certa virulência, que deve ser rapidamente interceptada, para que a sua disseminação não venha afetar todos os bezerros.

Sintomas — A doença começa com:

- a) Febre de 40° a 41° C
- b) Perda de apetite
- c) Pêlo arrepiado
- d) Cansaço
- e) Às vezes tosse
- f) Respiração acelerada
- g) Corrimento nasal
- h) O animal está sempre deitado
- i) Tristonho
- j) Em certos casos há o aparecimento de diarreia.

Evolução — A doença tem um período de evolução de 8 a 10 dias, podendo, porém, ser mais curto nesse período. A mortandade é elevada.

Lesões — No pulmão encontramos áreas hepatizadas, às vezes até abscessos pulmonares de pequeno tamanho e inflamação dos brônquios.

Diagnóstico — Observando os sintomas, será fácil identificar o processo pneumônico, pela presença do catarro nasal, cansaço, tosse, etc.

Profilaxia — Na parte geral, devemos observar:
Instalações higiênicas
Bem ventilados
Sem umidade

Bem insolaradas

Boa cama, para os animais

Boa água, limpa e fresca

Evitar o acúmulo de bezerros

Alimentação bem orientada, para que a mesma seja perfeita e satisfaça às necessidades do animal.

Tratamento — A aplicação de sôros e vacinas no combate e prevenção da pneumonia dos bezerros não tem dado os resultados desejados.

A indicação mais em uso e mais eficiente é a aplicação de:

- 1 — Sulfanilamida — Aplicando 0,10 gr. por quilo de peso vivo e por dia. Essa aplicação é por via oral, sendo dividida em 3 a 4 vezes por dia.
- 2 — Sulfapiridina — Que é menos tóxica que a Sulfanilamida ou então a
- 3 — Sulfatiazol ou Sulfadiazina — Na mesma base da aplicação acima, ou ministrada 8,0 gr. para cada 50 quilos de peso do animal, em 3 a 4 vezes, diariamente.
- 4 — Dagenam ou Cibazol — 12 a 20 comprimidos por dia, divididos em 3 a 4 aplicações ao dia, até a cura do animal.

Podemos usar a via intramuscular para a aplicação de produtos à base de Sulfanilamida, como:

- 1 — Cibazol — Ampolas de 5 cc., aplicando-se 2 a 4 ampolas por dia, de acordo com o tamanho do animal e a gravidade da doença.
- 2 — Anaseptil — Nas mesmas condições do anterior.
- 3 — Prontosil (também nas mesmas condições)
- 4 — Sulfatiazol (Idem, Idem)
- 5 — Solutiazamida (Idem, Idem)

A Penicilina é indicada nos casos de pneumonia e o resultado é convincente. Para bezerro de 50 kg de peso, podemos usar 200 000 unidades em injeções de 10 a 20 000 unidades de 3 em 3 horas ou aplicando em óleo e cêra de 8 em 8 horas, em doses de 50 000 unidades.

Quando há complicações com diarreia, dando o que chamam de Pneumo-enterite, aplicamos a Sulfaguanidina, com grande resultado, em doses de 6 a 10 gr. por dia, em 3 aplicações.

(*) Chefe do Departamento de Veterinário da ESAV.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

“O CULTIVADOR”, terá grande satisfação em prestar informações e esclarecimentos aos lavradores e criadores espiritosantenses, dos quais espera, também, receber sugestões práticas para solução de problemas que lhes possam interessar direta ou indiretamente.

SÊDA ANIMAL

Henrique Rímolo

Os homens disputam o uso de uma camisa de sêda e as mulheres adoram os vestidos dêsse tecido.

Ambos estão com a razão, porque não existe nenhuma outra fibra capaz de sobrepô-la, quer na resistência como na beleza.

O que falta a ambos de modo quase geral é o desejo pelo cultivo da amoreira e criação do precioso inseto fornecedor da matéria prima: casulos.

Existe mesmo muita gente que usa sêda e nem sequer sabe a sua origem e no entanto é coisa simples ao alcance de qualquer creatura seja velha ou moça, rica ou pobre — roceira ou cidadina.

É sôbre êste assunto que vamos nos ocupar, para num entendimento mútuo levarmos avante tão útil e patriótica iniciativa, que é da produção de casulos para confecção de nossas roupas evitando assim, que uma quantidade enorme de cruzeiros seja enviada de fronteira afora em busca daquilo que podemos produzir com abundância.

Como disse em linhas acima, o assunto é banal. Basta boa vontade e o resto será fácil.

A primeira cousa a se fazer é preparar alimento para criarmos a larva.

Êsse alimento é constituído de fôlhas de amoreira, por isso vamos ver como se faz essa cultura.

A amoreira é planta muito conhecida. Pertence à família das Moráceas e ao gênero *Morus*.

É uma planta muito rústica e adapta-se a todos os climas e solos com exceção dos úmidos.

Multiplica-se por estaca, mergulhia, enxertia e se reproduz por semente.

Dos quatro modos, o de estaca é o aconselhado por ser mais simples e mais econômico.

A estaca deve ser retirada de árvores sadias, adultas que produzem fôlhas grandes e macias.

As dimensões de uma estaca devem ser de 20 a 25 centímetros de comprimento com a grossura de um dedo.

O plantio deve ser feito nas épocas chuvosas para facilitar o enraizamento da estaca.

As covas para o plantio são abertas a enxadão com as dimensões de 30 centímetros de profundidade por 30 de circunferência, na distância de 2 metros de fileira à fileira por 1 metro de pé a pé.

Um mês depois das covas abertas, deverão novamente ser tapadas com terra escura, raspada da superfície do solo.

Feito isto, as estacas são espetadas no centro da cova de forma que a ponta fique fazendo face com a superfície do solo.

Daí por diante o homem faz as limpas das ervas daninhas que possam aparecer e o resto será executado pela natureza.

Está assim formado o nosso amoreiral; vamos aguardar 8 a 10 meses para iniciarmos a colheita de fôlhas.

Como vê amigo leitor, é muito simples prepararmos o alimento para criar bichos da sêda.

Pois bem voltarei sôbre o mesmo assunto, ensinando a criação, enquanto isto, medite, pense no seu

O Lar e a Escola

(palestra dita aos alunos em reunião geral)

Por Max. De Cordes Cabêdo

Palavras sugestivas estas, que são expressão de vida, amor instrução; delas nos recordamos com saudades pela vida em fora, ora triunfantes ora esquecidos daqueles que nos cercam.

Lar é o berço que nos embala os primeiros sons, é o nosso primeiro amor, trazido até nós pelos carinhos dos Pais, é ainda no lar, que damos as primeiras palavras, os primeiros passos, lar é numa palavra a primeira Escola porque passamos na vida; — são curtos os anos que dela aproveitamos, pois breve se passa para outra Escola onde vamos completar a instrução recebida na primeira Escola — “O Lar”.

Na Escola, vida nova se apresenta a nossos olhos, cheios de luz e ávidos de curiosidade, nela encontramos o novo lar, onde a vida o amor e a instrução caminham lado a lado, debaixo da orientação sábia dos nossos professores; ali desperta a nossa inteligência, ali nos preparamos para a vida; é nesta segunda Escola que travamos a primeira batalha que nos conduz a outras Escolas; essa batalha, a batalha da seleção, jamais nos deixa parar na vida onde a luta só poderá e é mantida por aquêles que tenham força de vontade e não tenham esquecido nunca aquela primeira Escola, donde tão novos saíram — “O Lar”.

Todo aquêles que assim fizer poderá estar certo de ganhar e triunfar na vida; êle será ajudado por professores e amigos, êle se elevará a altos postos, mas jamais deverá esquecer “O Lar” êsse Lar que lhe deu vida e que espera de cada um dos seus filhos a recompensa dos sacrifícios feitos, das lágrimas choradas, numa palavra do “amor que lhes deu”.

Aquêles que procederem assim serão recompensados, felizes e estarão aptos a construir outro novo Lar para dar Pátria, filhos dignos que o acolherá com alegria e satisfação.

Porém todos os outros farão parte dos esquecidos, êles se perderão na vida onde constituem a massa desprezível de homens viciados nas degradações da mesma; no crime, na vadiagem, no alcoolismo; êles terminam quase sempre os seus dias na prisão, nos asilos, nos reformatórios ou morrem na beira da estrada por onde andam fustigados pela fome e pelo vício; — êles esqueceram “O Lar” e destruíram para sempre a felicidade e o amor nas suas vidas.

Cabe pois a cada um de vós escolher e lutar pelo caminho a seguir; aquêles que partirem em direção ao primeiro vencerão e serão homens dignos; os outros farão parte dos esquecidos. — Lutai pois pelo primeiro e nêle encontrareis a felicidade e a alegria de viver.

confôrto, no progresso do Estado e depois acompanhe as instruções que chegaremos ao ponto almejado: — produção de sêda.

(Continua no próximo número)

Podemos ter bons coqueirais...

(Continuação da página 8)

estarem com o sistema radicular muito desenvolvido e não serem prejudicadas as raízes no transplantio; ao passo que as mudas mais desenvolvidas ficarão com as raízes dilaceradas no arranquio e ficando paralizadas no desenvolvimento por algum tempo.

PLANTIO: 1 — *Distância* — 8 a 10 metros para o côco (da Bahia); 7 a 8 metros para o côco anão.

2 — *Época* — de outubro a março quando se plantam muitas mudas. Durante o ano todo quando se plantam poucas mudas (porque se pode regar facilmente quando fôr necessário).

3 — *Covas* — abrir covas com 80x80 cm ou 1x1 m. Separar a terra de cima (escura) da terra de baixo (clara). Havendo facilidade de adubo e cinzas, misturar com a terra de cima o seguinte: 2 latas de esterco de curral curtido e meia lata de cinzas. Se as covas têm 80 cm de profundidade, enchem-se com essa mistura à altura de 60 cm. Plantam-se as mudas no centro da cova assim preparada. À medida que o coqueiro vai se desenvolvendo, chega-se terra ao pé, evitando-se destarte que as raízes fiquem expostas.

Para tornar mais econômica a lavoura, é de tôda conveniência consorciar outras culturas, como o feijão, milho, amendoim, batata, etc.

Desenvolvido o coqueiral, e atingido grande altura que o gado não lhe atinja às fôlhas, pode-se fazer a criação no meio do próprio coqueiral. Caso não se queira assim proceder, continua-se fazendo no meio do coqueiral outras culturas, principalmente de feijão, amendoim, batata, melancia, abóbora, etc.

Fazer o coroamento dos coqueiros, o qual consiste em capinar o mato em tôrno da planta, num raio de 1 metro.

LIMPEZA — Principalmente no ato da colheita, deve-se limpar os coqueiros retirando todo material sêco, inútil, que pode servir de abrigo às pragas. Não cortar fôlhas demais, porque sendo estas o laboratório das plantas, quanto maior o número de fôlhas verdes, maior possibilidade de produção.

COLHEITA — No Nordeste, faz-se a colheita de 2 ou de 3 em 3 meses. Aqui se faz naturalmente (queda do coco) ou quando aparece o "subidor".

Lá, o prático sobe por meio de "peia" levando em média 3 minutos para desfrutar um coqueiro.

Se se colhem côcos para o consumo basta que balancem bem a água. Para o plantio devem ser colhidos bem secos (com a casca mais escura).

SOCIAIS

Fizeram anos na 2ª. quinzena do mês de fevereiro:

Antônio Oliveira

Argemiro Justiniano da Cruz

Alécio Leandro Rondelli

Deomar Vieira as Neves

Fritz Otto Walter Aurich

Odilon Cabelino Lustoza

Valdimiro Benjamim Pagung

Snr. Carlos Gabriel Lopes Netto

VALIOSO APOIO

Quando afirmamos em nosso primeiro número que contávamos com o apoio do Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira, DD. Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas, é por que tínhamos a certeza do apoio moral e material desse grande líder da classe ruralista, o que temos hoje comprovado com o ofício que prazeirosamente transcrevemos abaixo: —

"Vitória, 23 de março de 1948

Senhor Diretor:

Reconhecendo a necessidade da publicação do Jornal intitulado "O CULTIVADOR", que vem sendo divulgado por esse Estabelecimento de Ensino, de autoria do seu digno corpo docente, autorizo a V. S., pelo presente, a incluir no orçamento de despesas dessa Escola, a importância de Cr\$ 3 000,00 (Três mil cruzeiros), a título de auxílio ao referido Jornal.

2. Trata-se de um órgão de grande utilidade aos nossos lavradores, instruindo-os, informando-os, de maneira a satisfazer convenientemente as classes produtoras do nosso Espírito Santo.

Valho-me do ensejo para renovar a V. S. os protestos de estima e consideração.

Atenciosas Saudações

Napoleão Fontenelle da Silveira
Secretário

ÉCOS DA VISITA DO MINISTRO CLEMENTE MARIANI

Do Exmo. Sr. Dr. Secretário da Agricultura, a Escola recebeu o seguinte ofício:

"Senhor Diretor:

Para conhecimento vosso, dos srs. professores e alunos, transcrevo, a seguir, o teor do ofício do Exmo. Sr. Governador, nº. N. G./1 324, de 3 de setembro corrente:

"Tenho o prazer de felicitar Vossa Excelência pela brilhante impressão colhida pelo Senhor Ministro Clemente Mariani e sua comitiva da apresentação do pessoal e material da Escola Prática de Agricultura, quando da visita de Sua Excelência a este estabelecimento de ensino agrícola. Solicitando a Vossa Excelência a fineza de transmitir o teor deste ao diretor, professores e alunos daquele educandário, aproveito a oportunidade para apresentar minhas muito atenciosas saudações (as) CARLOS LINDBERGER — Governador do Estado".

Com o ensejo apresento-lhe as minhas

Atenciosas saudações

(as.) Napoleão Fontenelle da Silveira
Secretário."

Sr. Herval Miranda de Souza

Sra. Marieta Bosselli Guerra

Antônio Carlos

Srta. Idalina Marim

Podemos ter bons coqueirais no Vale do Canaã

J. R. Uchôa

Sempre tenho olhado com interesse o comportamento dessa palmácea no Vale do Canaã e confrontado o seu desenvolvimento e produção com os coqueirais que conheço de perto no Nordeste.

Os coqueiros daqui, embora em número bem limitado, são vigorosos e apresentam muito boa produção. Em São Pedro, na fazenda do sr. Hermolao Coutinho, tivemos oportunidade de observar um coqueiral de uns 200 pés mais ou menos, vigorosos, e, não obstante ser novo a maioria, os mais velhos têm uma carga formidável que se pode comparar às boas cargas dos coqueiros do Nordeste, sem favor algum.

Aquêles coqueiral e os demais esparsos que encontramos por aqui, são uma prova evidente de como poderemos ter bons coqueiros, desde que escolhamos o terreno adequado e lhes dispensemos os cuidados necessários.

É errônea a idéia que alguns têm de que o coqueiro só vegeta bem na praia. Realmente, é na zona do litoral onde encontramos o grosso de sua produção. Na praia, porém, há grandes faixas de terras muito secas onde o coqueiro não produz bem e cuja produção só é iniciada a partir do oitavo ou décimo ano. Daí a necessidade de na própria praia se escolher o terreno mais adequado para o plantio do côco. E é assim que procedem os nossos práticos quando desejam formar um palmar.

Ora, se no seu "habitat" faz-se necessária a escolha do terreno, nós não podemos fugir a essa regra para obtermos colheitas vantajosas.

Há dois fatores principais que regulam a cultura do coqueiro: o clima e o solo.

Sabemos que o coqueiro é exigente em calor uma vez que é planta tipicamente tropical, necessitando, portanto, de uma temperatura média anual acima de 19° C. Isto nós temos. Sabe-se também que o coqueiro produz melhor até altitude de 300 metros (a nossa é muito inferior a esta), embora possa produzir regularmente à altitude de 600 a 700 metros.

Outro ponto importante para quem deseja formar um coqueiral é sobre a insolação. A exposição aos ventos e a boa insolação ativam a evaporação da água pelas folhas, forçando a absorção das soluções minerais do solo pelas raízes, nutrem melhor o coqueiro, aumentando a sua produção.

Portanto, além do clima quente (como é o nosso), devemos fazer o plantio do côco em lugar bem isolado tanto pela manhã como à tarde, porque o coqueiro exige muito calor.

SOLOS — Soltos, ricos, profundos, bem drenados, frescos. Escolher os terrenos de baixadas, à margem dos rios; abandonar os terrenos de morro para essa lavoura. Para quem cultiva pouco, é conveniente plantar ao fundo do quintal, devendo-se jogar ao pé do coqueiro os lixos da cozinha, aproveitando-se a ocasião para chegar terra (cobrir) as raízes que ficam expostas. O lixo é um dos melhores adubos para o coqueiro.

ESCOLHA DA SEMENTE PARA O PLANTIO

— As sementes para o plantio devem ser colhidas de

coqueiros que produzam muito, sejam vigorosos e cujas palhas apoiem os cachos. Abandonar os coqueiros cujas palhas não apoiam os cachos, deixando-os tombar. O coqueiro produtivo é muito importante para a escolha da semente, porque muitas vezes, podemos escolher bom terreno, mas se não escolhermos a boa semente, não conseguiremos coqueiral produtivo. Isto pela fato de as sementes herdarem as qualidades da planta mãe. Daí o fato comum de encontrarmos em faixas de terrenos iguais, coqueiros ruins ao lado dos bons.

As semente para o plantio devem estar bem secas (maduras) e evitar que se lhes dê grandes pancadas.

SEMENTEIRAS: — O local das sementeiras deve ser perto d'água a fim de facilitar as regas, quando necessárias. O terreno não deve ter matéria orgânica em decomposição para se evitar os fungos prejudiciais ao embrião do côco.

Se se deseja semear em grande quantidade, deve-se arar o terreno profundamente e preparar as leiras com a largura de 1 a 1,5 metros, deixando-se uma estrada de uns 80 cm para facilitar os trabalhos. Se a quantidade a semear é menor, revolve-se o terreno a enxadão, suspendem-se as leiras que terão 1 m de largura, abrem-se as valetas com 20 cm de profundidade colocando-se nelas os côcos deitados com a distância de 20 cm de um para o outro. Cobrem-se dois terços dos côcos.

Nas últimas sementeiras que fiz, usei meia cobertura com muito bom resultado. A cobertura conserva o terreno e o meio ambiente úmidos (fato êste que facilita a germinação do côco) e evita a ação direta dos raios solares sobre os côcos que iniciam a germinar. A meia cobertura deve ter 1,10 m na parte mais baixa e 1,30 na parte mais alta. Esta altura facilita o arranquio das mudas (quando se faz parceladamente) e evita que as mudas mais desenvolvidas venham logo a lhe tocar.

Pode-se também usar a sombra das árvores para fazer as sementeiras, porque mantém o meio ambiente úmido, facilitando a germinação.

Em qualquer um dos casos deve-se regar sempre antes que o terreno comece a ressecar.

Temos conseguido um percentagem de germinação de 70 a 75. Usamos de preferência o terreno mais claro (menos rico) sem matéria orgânica em decomposição.

A germinação dá início no 1º. mês (poucas), germinando a maior parte no 3º. e os últimos germinam até o 5º. e o 6º. meses. As mudas que nascem por último são inferiores.

O côco ao germinar, tanto pode emitir raízes antes de saírem as primeiras folhas, como depois, sendo mais comum a saída das fôlhas em primeiro lugar.

TRANSPLANTIO — As mudas podem ser transplantadas desde que brotem até 1 metro de altura. Entrementes, o melhor tamanho é o que vai de uns 10 a 30 cm. Isto pelo fato de as mudas nessa idade não

(Continua na página 7)